

**A hermenêutica filosófica como propulsora de metodologia de pesquisa histórico-filosófica em educação matemática**

**Philosophical hermeneutics as a driver of historical-philosophical research methodology in mathematics education**

**La hermenéutica filosófica como motor de la metodología de investigación histórico-filosófica en la educación matemática**

**L'herméneutique philosophique comme moteur de la méthodologie de recherche historico-philosophique dans l'enseignement des mathématiques**

Verilda Speridião Kluth<sup>1</sup>  
Unifesp

<https://orcid.org/0000-0001-9865-5694>

**Resumo**

Este artigo tem a intenção de expor e fundamentar um caminho investigativo histórico-filosófico inspirado na hermenêutica filosófica a pesquisadores da região de inquérito da educação matemática, que sejam desafiados por interrogações cuja abrangência e profundidade vislumbrem uma imersão em uma tradição cultural reveladora da constituição de conhecimento da matemática ou de conhecimento da educação matemática na perspectiva da temporalidade e historicidade daquilo que a interrogação norteadora interroga. Para atingir o nosso intento, num primeiro momento, descreveremos a hermenêutica filosófica, expondo os traços fundamentais, dos quais emergem articulações que vão compor a rede de sustentação histórico-filosófica, além de ressignificar alguns conceitos filosóficos já incorporados nessa tradição. A apresentação da fundamentação é fundamental para a compreensão dos conceitos da hermenêutica filosófica que serão retomados a seguir, ao explicitarmos a conversão desses em um modo histórico-filosófico de pesquisar, já praticado por pesquisadores da Educação Matemática em situações hermenêuticas de pesquisa. A metodologia de pesquisa é explicitada por meio de exemplos de pesquisa que buscam o pensar que se revela na construção do

---

<sup>1</sup> [verilda@nlk.com.br](mailto:verilda@nlk.com.br)

conhecimento das estruturas da álgebra e por diretrizes didáticas ao se trabalhar com demonstrações matemáticas na educação básica.

**Palavras-chave:** Hermenêutica Filosófica, Metodologia de Pesquisa, Pesquisa em Educação Matemática.

### **Abstract**

This article aims to expose a historical-philosophical investigative path inspired by the philosophical hermeneutics to researchers in the inquiry region of the mathematics education, challenged by questions the scope and depth of which envision an immersion in a cultural tradition that reveals the constitution of knowledge about mathematics or knowledge about mathematics education from the perspective of the temporality and historicity of what the guiding question asks. To achieve our intent, at first, we will describe the philosophical hermeneutics by exposing the fundamental traits, from which the connections that will compose the historical-philosophical support network emerge, together with the resignification of some philosophical concepts already incorporated in this tradition. Presenting the foundation is essential for the conception of philosophical hermeneutics that will be resumed below, as we show their conversion into a historical-philosophical way of researching, already done by mathematics education researchers in hermeneutic research situations. The methodology is presented through examples of research that search for the thinking that appears in the construction of knowledge of algebra structures and through teaching guidelines when working with mathematical demonstrations in basic education.

**Keywords:** Philosophical hermeneutics, Research methodology, Research in mathematics education.

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo exponer un camino de investigación histórico-filosófico inspirado en la hermenéutica filosófica a los investigadores de la región de la indagación de la

educación matemática, desafiados por preguntas cuyo alcance y profundidad vislumbran una inmersión en una tradición cultural que revela la constitución del conocimiento sobre matemáticas o conocimientos sobre educación matemática desde la perspectiva de la temporalidad e historicidad de lo que plantea la pregunta orientadora. Para lograr nuestro propósito, en un primer momento, describiremos la hermenéutica filosófica mostrando los rasgos fundamentales, de los cuales emergen las articulaciones que compondrán la red de apoyo histórico-filosófico, junto con la resignificación de algunos conceptos filosóficos ya incorporados en esta tradición. Presentar los fundamentos es esencial para la concepción de la hermenéutica filosófica que se retomará a continuación, a la medida que mostramos su conversión en una forma histórico-filosófica de investigación ya realizada por investigadores en educación matemática en situaciones de investigación hermenéutica. La metodología se despliega a través de ejemplos de investigación que buscan el pensamiento que aparece en la construcción del conocimiento de las estructuras del álgebra y a través de pautas didácticas al trabajar con demostraciones matemáticas en la educación básica.

**Palabras clave:** Hermenéutica Filosófica, Metodología de la Investigación, Investigación en Educación Matemática.

### **Résumé**

Cet article a l'intention d'exposer et de justifier une voie d'investigation historico-philosophique, inspirée de l'herméneutique philosophique, aux chercheurs du domaine d'investigation de l'enseignement des mathématiques, qui sont interpellés par des questions dont l'ampleur et la profondeur laissent entrevoir une immersion dans une tradition culturelle révélant la constitution de la connaissance des mathématiques ou de la connaissance de l'enseignement des mathématiques dans la perspective de la temporalité et de l'historicité de ce que l'interrogation directrice interroge. Pour atteindre notre objectif, dans un premier temps, nous décrirons l'herméneutique philosophique en exposant les caractéristiques fondamentales,

d'où émergent les articulations qui composeront le réseau de soutien historico-philosophique, ainsi que la re-signification de certains concepts philosophiques déjà incorporés dans cette tradition. La présentation de la fondation est fondamentale pour la compréhension des concepts de l'herméneutique philosophique que nous reprendrons ensuite lorsque nous expliquerons la conversion de ceux-ci en un mode de recherche historico-philosophique, déjà pratiqué par les chercheurs de l'enseignement des mathématiques dans des situations de recherche herméneutique. La méthodologie de recherche est explicitée par des exemples de recherche qui cherchent la pensée qui se révèle dans la construction de la connaissance des structures algébriques et par des directives didactiques lors du travail avec des démonstrations mathématiques dans l'enseignement de base.

**Mots clés :** Herméneutique philosophique, Méthodologie de recherche, Recherche dans l'enseignement des mathématiques.

## **A hermenêutica filosófica como propulsora de metodologia de pesquisa histórico-filosófica em educação matemática**

Este artigo tem a intenção de fundamentar e expor um caminho investigativo histórico-filosófico, inspirado nos traços fundamentais da hermenêutica filosófica de Gadamer (1997)<sup>2</sup>, a pesquisadores da região de inquérito da educação matemática, desafiados por interrogações cuja abrangência e profundidade vislumbrem uma imersão em uma tradição cultural reveladora da constituição de conhecimento da matemática ou de conhecimento da educação matemática na perspectiva da temporalidade e historicidade daquilo que a pergunta norteadora interroga, levando em conta os modos como os conhecimentos sedimentados culturalmente, tomados como constituição e permanência de idealidade, vão se compondo no fazer humano ao articular a compreensão e a interpretação do interrogado pela pesquisa em obras humanas que dele trata.

Temos, também, o propósito de explicitar filosoficamente, numa abordagem fenomenológica, que a busca de objetividade aparentemente impossibilitada pela barreira do tempo e pela experiência vital do humano, que é mortal, é possível uma vez que a objetividade se perpetua como presença na linguagem da tradição.

Para atingir o nosso intento, num primeiro momento, descreveremos a hermenêutica filosófica de Gadamer expondo os traços fundamentais, dos quais emergem articulações que vão compor a rede de sustentação histórico-filosófica por ele apresentada, juntamente com a ressignificação de alguns conceitos filosóficos já incorporados a essa tradição. Salientamos que essa descrição é fundamental para que o leitor possa apreender os conceitos da hermenêutica filosófica que serão retomados a seguir, ao explicitarmos a conversão destes em um modo histórico-filosófico de pesquisar já praticado por pesquisadores da Educação Matemática.

Ainda como informações introdutórias, apresentamos aspectos importantes para o entendimento do nosso título, assim como do escopo que o artigo se propõe abarcar.

---

<sup>2</sup> Hans-Georg Gadamer, nascido em 2 de fevereiro de 1900 e falecido em 13 de março de 2000, foi filósofo alemão, principal representante da corrente hermenêutica em seu país. Foi aluno de Heidegger e sucedeu a Karl Jaspers na cadeira de filosofia da Universidade de Heidelberg (1949). (Cruz, 2010, p. 44)

Stein (2014) atribui o surgimento da expressão *hermenêutica filosófica* à obra de Gadamer que realizou, segundo esse autor, “uma mudança na compreensão da hermenêutica” (p. 208) ao elaborar uma aproximação de diferentes posições históricas e conceitos da hermenêutica. Na hermenêutica filosófica gadameriana,

*.../o que importa é afirmar o substantivo hermenêutica na linha de sua tradição histórica, acrescentando-lhe o adjetivo filosófica. Deste modo, a hermenêutica filosófica se coloca mais numa linha husserliana, se lembrarmos o conceito de mundo vida que se aproxima, inegavelmente, ao conceito de historicidade da cultura, de Gadamer. (Stein, 2014, p. 212) <sup>3</sup>*

Muitos foram os filósofos que, em diferentes escolas, contribuíram para com o surgimento da hermenêutica filosófica tal como tratada por Gadamer. Pereira (2001) nos apresenta uma interessante descrição bibliográfica sobre a formação do filósofo expondo o fio condutor de aprendizados que o aprontam para a elaboração de sua obra. Porém, não está no arcabouço das nossas pretensões, neste artigo, explorar minuciosamente aproximações e afastamentos de conceitos filosóficos que dão sustentabilidade histórico-filosófica à obra *Verdade e Método* de Gadamer (1997). Faremos apenas pequenas alusões a este respeito, quando estas se fizerem necessárias para atingirmos o intento deste artigo.

### **Primórdio da hermenêutica filosófica de Gadamer: *Ser e tempo* de Heidegger**

Na análise de Gadamer (1997), a hermenêutica da facticidade, projeto heidggeriano que trata da facticidade da pré-sença, entendida como existência, está liberta de implicações epistemológicas e não é passível de fundamentação ou dedução. Esta seria, para ele, a base ontológica do questionamento fenomenológico, a saber, a própria existência. Dessa ideia de ontologia fundamental e de sua fundamentação sobre a pré-sença, evidencia-se a importância do ser e a analítica da pré-sença ao se ter como pano de fundo “o fato de que todo sentido do

---

<sup>3</sup> Mundo-vida é uma ideia que traz a totalidade da existência humana e, correlatamente, do mundo circundante, humano, pessoal e de coisas, expondo o modo de ser complexo da historicidade deste mundo em que vivemos (Bicudo, 2014, p. 17).

ser e da objetividade só se torna compreensível e demonstrável a partir da temporalidade e historicidade da pré-sença (Gadamer, 1997, p. 387).

É assim inegável que o projeto de Heidegger de uma ontologia fundamental tratava, em suas entranhas, do problema da história, mas, para além disto, a própria ideia da fundamentação no contexto da analítica existencial heideggeriana, experimenta uma inversão total, pois não estaria mais sustentada pelo episteme. Em oposição a isso, é o tempo que se revela como horizonte do ser e “A estrutura da temporalidade aparece assim como uma determinação ontológica da subjetividade. Porém, ela era mais do que isso. A tese de Heidegger era: o próprio ser é tempo” (Gadamer, 1997, p. 389).

À luz da questão do ser posta nessa abordagem, uma nova dimensão de conhecimento de mundo aflora. A ciência não poderá mais ser entendida como um fato de onde se deva partir para conhecer o ser. Pois na leitura de Gadamer sobre o trabalho de Heidegger,

Compreender, é a forma originária de realização da pré-sença, que é ser-no-mundo. Antes de toda diferenciação da compreensão nas diversas direções do interesse pragmático ou teórico, a compreensão é o modo de ser da pré-sença, na medida em que é poder-ser e “possibilidade”. (Gadamer, 1997, p. 392)

Uma das consequências de os fundamentos para a compreensão do ser estarem ancorados na sua própria existência, portanto na sua temporalidade e historicidade, é que os problemas da hermenêutica das ciências do espírito, aquela que buscava compreender o mundo humano, passa a portar-se de modo diferente não só no sentido de balançar os alicerces do cartesianismo da ciência moderna, mas também em lançar uma nova luz sobre as dificuldades racionais do historicismo. Pois, nessa nova maneira de se entender o que é fundamentação, “o conceito de compreensão não é mais um conceito metódico como o queria Droysen” (Gadamer 1997, p. 393), assim como também a compreensão não é uma operação que fundamenta hermeneuticamente as ciências do espírito. Na interpretação de Gadamer (1997) sobre

compreensão que surge em termos heideggerianos, “compreender é o caráter ôntico original da própria vida humana” (p. 393).

E mesmo aquele que “compreende” um texto (ou mesmo uma lei) não somente projetou-se a si mesmo a um sentido, compreendendo – no esforço de compreender – mas que a compreensão alcançada representa o estado de uma nova liberdade espiritual. Implica a possibilidade de interpretar, detectar relações, extrair conclusões em todas as direções, que é o que constitui o entender do assunto dentro do terreno da compreensão dos textos. /.../ o que é verdade é que todo compreender acaba sendo um compreender-se. (Gadamer, 1997, p. 394)

Portanto, a compreensão de expressões abrange a apreensão imediata do conteúdo da expressão, assim como o desvelamento do que nela, aparentemente, está oculto. Daí resulta a compreensão ser um momento de abertura para o que está sendo dito, assim como também para as possibilidades nele contidas, entendendo que neste movimento de compreensão também está envolvido aquele que compreende, projetando-se a si mesmo em direção às suas próprias possibilidades. Para Gadamer (1997), as ideias heideggerianas sobre compreensão será, pelas razões expostas, fecunda para os problemas da hermenêutica. Como escreve ainda ele: “/.../ agora torna-se visível pela primeira vez a estrutura da compreensão histórica em toda sua fundamentação ontológica, sobre a base da futuridade existencial da pré-sença humana” (Gadamer, 1997, p. 395).

Assegurado que o conhecimento histórico tem sua legitimidade oriunda da pré-estrutura da pré-sença, o conhecimento histórico é, e continua sendo, uma adequação à coisa, no sentido de que a compreensão deixa em aberto as possibilidades do vir a ser do próprio ser, que poderá ser alcançado nos modos de interpretação. Aqui entende-se coisa como algo que o fato, ele próprio, tem como modo de ser dessa pré-sença.

Gadamer declara que a intenção de escrever a obra *Verdade e Método* é a de saber se, a partir da radicalização ontológica que Heidegger leva a cabo, poder-se-ia construir uma hermenêutica histórica que transcendesse a historiografia em seus aspectos moralistas ao apoiar-se na ideia de que “/.../, não existe compreensão nem interpretação em que não entre em



funcionamento a totalidade dessa estrutura existencial, mesmo que a intenção do conhecer seja apenas a de ler “o que está aí”, e de extrair das fontes “como realmente foi” (O. Vossler, “Die Universalität des hermeneutischen Problems” *apud* Gadamer, 1997, p. 397).

A empreitada assumida no projeto de Gadamer de investigar a possibilidade da construção de uma hermenêutica histórica leva em conta que essa não era a intenção do projeto de Heidegger e que para a realização de seu projeto, ele, Heidegger, teria que enfrentar algumas questões em aberto de seu projeto, como o fato de que a pré-sença não inclui nenhum ideal de existência histórica determinado e, como consequência, ela, a pré-sença, reivindica uma validade apriorística-neutral, muito questionada por vários estudiosos. O caminho traçado por Gadamer reporta-se ao sentido transcendental do questionamento heideggeriano no sentido de que

Através da interpretação transcendental da compreensão de Heidegger o problema da hermenêutica ganha uma feição universal, e até o surgimento de uma dimensão nova. A pertença do intérprete ao seu objeto, que não conseguia encontrar uma legitimação correta na reflexão da escola histórica, obtém agora, por fim, um sentido corretamente demonstrável e é tarefa da hermenêutica demonstrar este sentido. (Gadamer, 1997, pág. 399)

Para Gadamer, a estrutura geral da compreensão se constitui na compreensão histórica, uma vez que na própria compreensão operam vínculos concretos de costumes e tradições e suas possibilidades de seu próprio futuro. Este é o sentido do estar lançado. É neste sentido que a estrutura existencial da pré-sença tem sua constituição na compreensão da tradição histórica, o que abre a possibilidade da construção de uma hermenêutica histórica.

É sobre a construção da hermenêutica histórico-filosófica de Gadamer que passaremos a discorrer.

### **A hermenêutica filosófica de Gadamer**

Gadamer tem a constante preocupação de nos alertar para a diferença dos propósitos do projeto heideggeriano e os do seu próprio projeto. Assim, declara logo de início que, no seu entender, Heidegger considera as questões da hermenêutica e das críticas da história com

finalidade ontológica no intuito de desenvolver a pré-estrutura da compreensão, enquanto o autor aqui considerado persegue a questão de como, “uma vez liberada das inibições ontológicas do conceito de objetividade da ciência, a hermenêutica pôde fazer jus à historicidade da compreensão” (Gadamer, 1997, p. 400).

Gadamer, partindo da interpretação de que o nuclear do círculo hermenêutico heideggeriano tem um sentido ontológico positivo e que em toda interpretação correta de textos projeta-se contra hábitos do pensar ou ocorrência de felizes ideias, pois ela se volta “às coisas mesmas”<sup>4</sup>, então assevera que:

A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração desse projeto prévio que obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido. /.../ Justamente todo esse constante projetar-se, que perfaz o movimento de sentido do compreender e interpretar, é o que constitui o processo que Heidegger descreve. (Gadamer, 1997, p. 402)

Desta forma, a compreensão alcança sua verdadeira possibilidade com relação “às coisas mesmas” se as opiniões prévias com as quais se inicia não são arbitrárias. Ou seja, trata-se de opiniões que se projetam e que se confirmam “nas coisas”. Isto nos leva a crer, que o intérprete deverá sempre manter-se atento à não intromissão de hábitos linguísticos e opiniões prévias nas interpretações que elabora. Mas como garantir essa façanha? Como se pode proteger um texto previamente frente a mal-entendidos? Como distinguir opiniões prévias arbitrárias das não arbitrárias? Seriam as opiniões arbitrárias de fato descartáveis para se alcançar a verdadeira possibilidade da compreensão de alguma coisa?

Segundo a descrição gadameriana sobre a interpretação da pré-estrutura da compreensão, as opiniões não podem ser entendidas de maneira inconsequente. Com o passar do tempo, elas estão sujeitas a entraves arbitrários, pois ao ouvir alguém ou mesmo na leitura

---

<sup>4</sup> A expressão “às coisas mesmas” refere-se aqui ao princípio fenomenológico “Zu den Sachen Selbst” traduzido por Kluth (2020) por “em direção às coisas mesmas”. Este princípio refere-se ao intento do inquerir fenomenológico e não ao modo como o intento se realiza. Lembramos que neste artigo descrevemos o modo hermenêutico de realizá-lo, segundo Gadamer (1997), ao desdobrar os pensamentos heideggerianos.

de um texto, não é necessário se esquecer das próprias opiniões para formar outras. Neste movimento de compreensão e de interpretação, o que vai ser exigido do intérprete é a abertura para a opinião do outro, o que não impede que aquele que ouve ou lê articule o lido ou ouvido com as suas próprias opiniões já estabelecidas.

Neste contexto, “a tarefa da hermenêutica se converte por si mesma num questionamento pautado na coisa, e já se encontra sempre determinada por este” (Gadamer, 1997, p. 405). Para o autor, este é o solo firme do empreendimento hermenêutico. Assim, aquele que quer compreender deverá se dar conta de suas próprias opiniões e antecipações a fim de que o texto possa apresentar sua alteridade, mantendo a possibilidade aberta de confronto de sua verdade com as opiniões prévias daquele que o lê.

Esta atitude hermenêutica solicita uma postura consciente daquele que lê no sentido de que ele não ignore suas opiniões, muito pelo contrário, elas serão tão conhecidas que poderão ser colocadas em suspensão para que o texto possa ser “ouvido” naquilo que ele diz “da coisa”.

Portanto, o posicionamento hermenêutico aqui descrito não trata de criar escudos que protejam a compreensão “da coisa” de uma determinada tradição que se faz presente nos textos, mas, pelo contrário, seja capaz de afastar tudo o que possa impedir a alguém de compreender a tradição a partir da “própria coisa”. Trata-se de uma elaboração construída ao longo do tempo, que desvela os preconceitos como mal-entendidos e opiniões arbitrárias ou como autênticos, ao pôr a descoberto as premissas ontológicas - a estrutura da presença - do conceito. Dá-se, assim, um novo status aos preconceitos. Seu julgamento como certo ou errado, válido ou inválido, não está mais calçado pura e exclusivamente na razão, como no Iluminismo (*Aufklärung*), mas sim na autoctonia da “coisa”. Para o autor, a razão não é dona de si mesma, sua existência é real e histórica. Ela está sempre referida ao dado no qual exerce.

Segundo Gadamer, revigora-se, assim, o sentido da tradição posto na crítica romântica ao Iluminismo (*Aufklärung*), tecida pelo empuxo do historicismo, fundada sobre o nuclear

comum tanto do *Aufklärung* como do historicismo, que assumem a ruptura da continuidade do sentido da tradição. É justamente neste ponto, na possibilidade da continuidade de sentido da tradição, que se instaura a tentativa gadameriana de uma hermenêutica histórica que se propõe a promover a “/.../ superação de todo preconceito cuja revisão liberará primeiramente o caminho para uma compreensão adequada da finitude que domina não apenas o nosso ser humano, mas também nossa consciência histórica” (Gadamer, 1997, p. 415).

Os preconceitos como entraves foram sendo instaurados pelo *Aufklärung* como preconceito de autoridade e por precipitação. Distinção fundamentada na oposição entre autoridade e razão. Pois a precipitação é entendida como fonte de equívocos que nos leva ao erro da própria razão e à autoridade como responsável pelo não uso da razão. Para explorar essa perspectiva, Gadamer apoia-se na crítica romântica ao *Aufklärung*, que destaca a tradição como uma forma de autoridade, pois o que nela é consagrado possui uma autoridade anônima, e o nosso ser histórico e finito está também determinado pelo fundamento da validade do consagrado. Para Gadamer, a tradição é o fundamento da validade das criações que ocorrem no fluxo do tempo da jornada histórica da humanidade. Explica ele:

Na realidade, a tradição sempre é um movimento da liberdade e da própria história. Também a tradição mais autêntica e venerável não se realiza naturalmente, em virtude da capacidade de permanência daquilo que, singularmente está aí, mas necessita ser afirmada, assumida e cultivada. A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está nas mudanças históricas. (Gadamer, 1997, pág. 422)

A conservação, na abordagem gadameriana, é um ato de razão. E isso mesmo em situações excepcionais como tempos revolucionários onde conserva-se muito mais do antigo do que se crê. E o antigo integra-se a nova forma de validade.

É justamente, na possibilidade da continuidade de sentido da e na tradição assumida por Gadamer que se instaura, no nosso entender em concordância com Stein (2014), como já citado anteriormente, um ponto de confluência entre as ideias husserlianas sobre ciências, sua transmissibilidade e sentido de mundo, com a hermenêutica filosófica de Gadamer, que torna

exequível a aplicação dos conceitos desenvolvidos na Hermenêutica Filosófica, inspirada nas ciências do espírito, às ciências em geral e, em particular, à matemática.

Encontraremos na história da construção do conhecimento matemático inúmeros exemplos nos quais a nova forma de validade agrega o antigo ao novo. Granger (2002) traz em seu livro *O Irracional* uma análise histórico-filosófica sobre o entrelaçamento do racional e do irracional enquanto *por vir* do racional, exemplificando-o no processo histórico da construção do conhecimento do número irracional. Esse autor categoriza as razões do surgimento do número irracional impregnadas da razão que validava a razão dos números racionais.

Nesse contexto, o efeito da tradição de se pensar o número somente como número racional é o solo para uma nova razão que dá razão ao novo – o número irracional. O efeito da tradição que sobrevive, e o efeito da investigação histórica formam uma unidade de efeito, cuja análise só poderia encontrar uma trama de efeitos recíprocos. Ainda, para o autor aqui estudado, o importante é reconhecer o momento da tradição no comportamento histórico e indagar pela sua produtividade hermenêutica.

Nesta perspectiva, desconfigura-se a ideia de que o historiador de cem anos atrás teria um conhecimento inferior ao que temos hoje. A própria investigação histórica é também mediadora da tradição. Segundo Gadamer, ela não pode ser vista somente como a lei do progresso e dos resultados validados, pois nela também se realizam experiências históricas e humanas na medida em que nela se faz ouvir uma voz nova em que ressoa o passado.

Apoiando-se no arcabouço da reflexão até aqui exposto, Gadamer (1997) tece uma rede de sustentação para sua hermenêutica filosófica que indicará o seu modo de explicitar o nuclear determinante da hermenêutica, que é a relação circular do todo e das partes, que inclui a antecipação de sentido do todo que chega a uma compreensão explícita através do fato da intrínseca relação entre partes, determinada pelo todo, e o todo, que é determinado pelas partes. Observa o pensador hermeneuta:

O movimento da compreensão vai constantemente do todo à parte e desta ao todo. A tarefa é ampliar a unidade do sentido compreendido em círculos concêntricos. O critério correspondente para a correção da compreensão é sempre a concordância de cada particularidade com o todo. Quando não há concordância, isso significa que a compreensão malogrou. (Gadamer, 1997, p. 436)

Ao compreendermos algo escrito, nos movemos numa dimensão de sentido que é compreensível a si mesma e, portanto, não faz referência à subjetividade de outrem. “É tarefa da hermenêutica explicitar esse milagre de compreensão, que não é uma comunhão misteriosa das almas, mas uma participação num mesmo sentido” (Gadamer, 1997, p. 438).

Aderindo à ideia de Heidegger de que a compreensão do texto já está determinada continuamente pela concepção prévia da pre-compreensão, Gadamer afirma que o círculo do todo e das partes não se anulam na compreensão total, mas nela alcança sua mais autêntica realização. Assim, a antecipação de sentido que guia a nossa compreensão de um texto não é um ato subjetivo, já que se determina a partir da nossa união com a tradição que vai sendo construída na medida em que a compreendemos, em que dela participamos, e cujo acontecer continuamos a determinar. Portanto, o círculo da compreensão não deve ser entendido como um círculo metodológico, pois ele descreve “um momento estrutural ontológico da compreensão” (Gadamer, 1997, p. 440).

Por outro lado, o autor atenta para o fato que a concepção prévia, chamada pelo autor de concepção prévia perfeita, encontra-se a todo momento do compreender, determinada com relação a algum conteúdo.

Também aqui vemos confirmado que compreender significa, primeiramente, sentir-se entendido na coisa, e somente secundariamente destacar e compreender a opinião do outro como tal. Assim a primeira de todas as condições hermenêuticas é a pré-compreensão que surge do ter de se haver com a coisa em questão. A partir daí, determinar o que pode ser realizado como sentido unitário, e, com isso, a aplicação da concepção previa perfeita. (Gadamer, 1997, p. 441)

O sentido de *pertença*<sup>5</sup>, que aflora da e na tradição no comportamento histórico-hermenêutico, realiza-se, segundo o autor, através da comunidade de preconceitos fundamentais e sustentadores. Consciente de que a hermenêutica não pode ignorar o fato de que quem quer compreender alguma coisa no fluxo de sua tradição está vinculada a ela e que esse vínculo não pode ser considerado como algo inquestionável e natural, pois os preconceitos e as opiniões prévias ocupam a consciência do intérprete, este não está em condições de por si só distinguir entre os preconceitos fundamentais e sustentadores dos preconceitos que obscurecem o sentido no fluxo da tradição.

Neste momento de sua análise, Gadamer volta-se para o significado do tempo para a compreensão. Ele retoma uma crítica à teoria hermenêutica do romantismo, argumentando contra seu posicionamento quanto a distância de tempo. Conclui que:

A distância é a única que permite uma expressão completa do verdadeiro sentido que há numa coisa. Entretanto, o verdadeiro sentido contido num texto ou numa obra de arte não se esgota ao chegar a um determinado ponto final, pois o processo é infinito. Não acontece apenas que se vão eliminando sempre novas fontes de erro, de tal modo que se vão filtrando todas as distorções do verdadeiro sentido, mas que, constantemente, surgem novas fontes de compreensão que tornam patentes relações de sentido insuspeitadas. A distância de tempo, que possibilita essa filtragem, não tem uma dimensão concluída já que ela mesma está em constante movimento e expansão. (Gadamer, 1997, pág. 446)

Conclui ainda que a filtragem pode ajudar, possibilitada na distância de tempo, pois permite também que os preconceitos fundadores e sustentadores venham à tona uma vez que, conforme nos ensina Pereira (2001), “/.../ Nada há que não seja acessível ao ouvido por meio da linguagem” (p. 25). O ato do ouvir participa imediatamente da universalidade de mundo como um caminho para o todo, pois pode apreender o logos. Neste sentido, uma consciência formada hermenêuticamente terá de incluir também a consciência histórica.

---

<sup>5</sup> Pereira (2001) nos alerta para a palavra *pertença* que na língua alemã é *Zugehörigkeit*. Nesta língua, a palavra tem em sua raiz o verbo *hören* que traduzido para o português significa *ouvir*. Uma vez interpelados pelo som da palavra, não podemos desviar o ouvido e não mais ouvi-la como o fazemos, por exemplo, com a visão, ao desviá-la do objeto. Formamos com o som uma unidade, daí na língua alemã *gehören* significar pertencer. Este é o âmago de sentido ao qual a palavra *pertença* remete na abordagem hermenêutica aqui considerada.

Com isto, fica anunciada a condição hermenêutica suprema. Ela exige a suspensão, por completo, dos próprios preconceitos. Como fazê-lo? A resposta é dada. “A suspensão de todo juízo, e, a *fortiori*, de todo o preconceito tem a estrutura da pergunta” (Gadamer, 1997, p.448), pois faz parte do âmago da pergunta abrir e manter as possibilidades abertas. Essa é uma resposta coerente com a tarefa da hermenêutica, que não consiste em “ desenvolver um procedimento da compreensão, mas esclarecer as condições sob as quais surge compreensão” (Gadamer,1997, p. 442).

Por meio do perguntar, temos a possibilidade de colocar o preconceito próprio em jogo ao termos como meta experimentar a pretensão de verdade do outro, o autor do texto. Quando levado para o âmbito do historicismo, esse pensamento leva Gadamer a afirmar que um pensamento verdadeiramente histórico tem que pensar ao mesmo tempo a sua historicidade, pois o objeto da história não é um objeto, mas a relação entre a realidade da história e a realidade do compreender histórico. “Uma hermenêutica adequada à coisa em questão”- anota ele - “ - deve mostrar na própria compreensão a realidade da história. Ao que é exigido com isso, eu chamo de história efetual. Entender é, essencialmente, um processo de história efetual” (Gadamer, 1997, p. 448).

Com essas afirmações, Gadamer não quer dizer que os efeitos da história não venham sendo considerados pelo interesse histórico investigativo. O que está sendo solicitado na história efetual gadameriana é que sempre que uma obra ou uma tradição tiver que sair de seu obscurecimento construído pela tradição e pela historiografia em busca de seu real significado, ela deverá conter a consciência metodológica da própria investigação. Porém, alerta que essa exigência não se refere à investigação em si.

Quando procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramos-nos sempre sob o efeito dessa história efetual. Ela determina, de antemão, o que se mostra a nós questionável como



objeto de investigação, e nós esquecemos logo a metade do que realmente é, mais ainda, esquecemos toda verdade deste fenômeno, a cada vez que tomamos o fenômeno imediato como toda verdade.

Na ingenuidade da fé metodológica ao procurarmos compreender um fenômeno histórico de uma determinada situação hermenêutica como um todo, toma-se como início efeitos da história efetual. A consciência dessa história é um momento da realização da própria compreensão, que segundo Gadamer, também atua na realização da pergunta correta para o horizonte daquela situação histórica.

Quando nossa consciência histórica se desloca a horizontes históricos, isso não quer dizer que se translate a mundos estranhos, nos quais nada se vincula com o nosso; pelo contrário, todos eles juntos formam esse grande horizonte que se move a partir de dentro e que rodeia a profundidade histórica de nossa autoconsciência para além das fronteiras do presente. Na verdade, trata-se de um único horizonte, que rodeia tudo quanto contém em si a consciência histórica. O passado próprio e estranho, ao qual se volta a consciência histórica, forma parte do horizonte móvel a partir do qual vive a vida humana e que a determina como sua origem e como sua tradição. (Gadamer, 1997, p. 455)

Como fruto da reflexão gadameriana sobre a compreensão da tradição, que tem como parte integrante um horizonte histórico, vemos surgir o como compreendê-la, modo esse constituído de um deslocar-se do horizonte do presente, significando sempre uma ascensão a uma universalidade superior que rebaixa a particularidade própria como a do outro semelhante ao ampliar-se para aquém da visão própria e do outro numa proposta de vê-lo melhor e integrá-lo em um todo maior e em padrões mais corretos. A  *fusão de horizontes*, constituída pela compreensão, se dá na vigilância da tradição, "pois, nela, o velho e o novo crescem sempre juntos para uma validade vital, sem que um ou outro cheguem a destacar explicitamente por si mesmo" (Gadamer, 1997, p. 457).

Segundo Silva (2015), no modelo dialógico, a  *fusão de horizontes*  mostra-nos claramente como toda interpretação é finita e que ela precisa ser fecundada pela abertura a outros horizontes do sentido, pois “ a objetividade hermenêutica é inseparável das categorias da comunicação, do efeito do trabalho da história sobre nós e da implicação humana no sentido” (p. 50).

Para Gadamer, a realização controlada dessa fusão é tarefa da consciência histórico-efetual, pois compreender é sempre também aplicar. Assim, ele avança a hermenêutica romântica ao considerar que o processo unitário é composto por compreensão, interpretação e aplicação ao tecer uma reflexão sobre os textos jurídicos e religiosos, que, no seu entender, deverão ser compreendidos em situações concretas de maneira nova e distinta.

Santos (2017) afirma que a necessidade incontornável de busca da verdade de um texto por um leitor que quer compreendê-lo é o que Gadamer chama de  *aplicação* . O intérprete “/.../ precisa  *fazer valer* , durante a interpretação, a maneira como ele, o discurso interpretado, lhe apresenta as coisas sobre as quais versa” (Santos, 2017, p. 83). Este comportamento é necessário para qualquer compreensão. Aquele que ignora a pretensão de verdade de um discurso se entrega à mera audição ou pronunciamento de palavras.

Assim, a  *aplicação*  também serve à validade de sentido, uma vez que supera a distância do tempo que separa o intérprete do texto e da situação histórica na qual o texto surgiu, superando assim, a alienação que o texto experimentou. Portanto, a hermenêutica histórica deverá levar a cabo o fortalecimento da  *aplicação* . Gadamer busca em outras formas de hermenêutica o real sentido da  *aplicação*  para sua hermenêutica filosófica. Inspirado na descrição aristotélica do fenômeno ético afirma:

O intérprete que se confronta com uma situação procura aplicá-la a si mesmo. Mas isso tampouco significa que o texto transmitido seja, para ele, algo dado e compreendido como algo geral para uma aplicação particular. Pelo contrário, o intérprete não pretende outra coisa que compreender esse geral, o texto, isto é, compreender o que diz a tradição e o que faz o sentido e o significado do texto. (Gadamer, 1997, p. 481-482)

Isto o intérprete o faz, sem se ignorar a si mesmo e a situação hermenêutica concreta na qual se encontra. Será preciso manter essa tensão se o intérprete quiser entender algo do próprio texto.

O estudo do significado da *aplicação* junto a hermenêutica jurídica, teológica, histórica e filológica leva Gadamer a afirmar que ele havia compreendido melhor o que significa a leitura de um texto. Pois, “/.../ a interpretação não tem apenas um sentido cognitivo ou histórico, mas também prático e normativo, como muito bem o testemunham a hermenêutica jurídica e a teológica, de raiz protestante” (Silva, 2010, p. 3). Nesta concepção da *aplicação*, o compreender começa pela correspondência à exigência de sentido do texto e no reconhecimento de sua validade de orientação ao modo humano de estar no mundo. Como volta a observar o comentarista: “Compreender é nesta perspectiva aplicar, não mecanicamente, como quem segue regras normalizadas para a produção de algo, mas traduzir o assunto do texto para a própria linguagem da sua situação concreta” (Silva, 2010, p. 3).

Para Gadamer, jamais existiria um leitor frente um grande livro da história do mundo, mas por outro lado, também não deverá nunca existir um leitor que, ante um texto, leia simplesmente o que está nele escrito. Em toda leitura tem lugar uma *aplicação*, e aquele que lê um texto se encontra, também ele, dentro do sentido que percebe. Ele mesmo pertence também ao texto que entende. E sempre há de ocorrer que a linha de sentido que vai se mostrando a ele ao longo da leitura de um texto acabe, abruptamente, numa indeterminação aberta.

E o sentido da *aplicação* vai se pondo na reflexão gadameriana. Ela não é como uma aplicação que chega depois de algo comum dado, compreendida primeiramente em si mesma, e referendada a um caso concreto, mas é, antes a verdadeira compreensão do próprio comum que cada texto dado representa para nós. Nota o filósofo: “A compreensão é uma forma de efeito, e se sabe a si mesma como tal efeito” (Gadamer, 1997, p. 505). Este é o princípio da história efetual. Mas,

O que nos importa neste momento é pensar a consciência da história efetual de maneira que na consciência do efeito a imediatez e superioridade da obra volte a se dissolver numa simples realidade reflexiva; e com isso, pensar uma realidade capaz de pôr limites à onipotência da reflexão. (Gadamer, 1997, p. 507)

Isso porque, em sua análise, o autor destaca que a filosofia da reflexão é o grande trunfo para validar e dar razão aos resultados da ciência desde os primórdios da filosofia, já impressos na obra de Aristóteles, que se estendem até à contemporaneidade com relação à ciência moderna, onde a reflexão valida os aspectos formais das ciências advindos da experiência. E quando se contempla a experiência na perspectiva dos resultados, ignora-se o processo da experiência, que, em seu âmago, é negativo. O processo da experiência não pode ser tomado “como formação de generalidades típicas sem rupturas, pois a formação ocorre, antes, pelo fato de que as generalizações falsas são constantemente refutadas pela experiência, as coisas tidas por típicas não de ser destipificadas” (Gadamer, 1997, p. 521).

Fala-se, portanto da experiência em dois sentidos, aqueles que se integram com nossas expectativas e as confirmam e como a experiência se “faz”. No experimentar de um objeto está sempre presente a certeza de que não se havia percebido corretamente as coisas e que é agora que se dá conta de como são. É neste sentido que Gadamer fala da negatividade da experiência, que lhe atribui um sentido particular de produtividade. Conseqüentemente, o objeto da experiência deverá ser tal que possa prestar-se para um melhor saber que abarque as generalidades até então conhecidas. Segundo o autor, essa negação dada na experiência é uma negação determinada. A essa forma de experiência Gadamer dá o nome de dialética, e aquele que a experimenta se torna consciente de sua experiência.

Deste modo, a consciência que experimenta inverte-se, ou seja, voltou-se sobre si mesma. Aquele que experimenta se torna consciente de sua experiência, torna-se um experimentador: ganhou um novo horizonte dentro do qual algo pode converter-se para ele em experiência. (Gadamer, 1997, p. 522)

Na experiência altera-se tanto o nosso saber como seu objeto. Por meio dela sabemos outras coisas e sabemos melhor, e isto quer dizer que o próprio objeto “não se sustenta”. “A dialética da experiência tem sua própria consumação não num saber contundente, mas nessa abertura à experiência que é posta em funcionamento pela própria experiência” (Gadamer,

1997, p. 525), portanto a experiência assim abordada é algo que faz parte da essência histórica do homem, tornando-se ela a experiência da própria historicidade. Na hermenêutica filosófica, “/.../ a experiência é entendida como uma situação relacional entre sujeito e objeto situada historicamente. A experiência é algo dentro de um contexto específico que condiciona a própria experiência e o que dela pode ser entendido” (Alves, 2011, p. 194).

Delineia-se, assim, o modo de ser da consciência da história efetual. Ela, como autêntica forma de experiência, terá que refletir a estrutura geral da experiência. Deste modo, a experiência hermenêutica tem a ver com a tradição.

Assim como as coisas ou unidades da nossa experiência de mundo se dizem na palavra, também a tradição, que chega até nós, é de novo trazida à linguagem, quando a compreendemos e interpretamos. A linguisticidade desta chegada da tradição e das coisas é a mesma da experiência humana de mundo. (Pereira, 2001, p. 22)

A tradição, contudo, não é um acontecer que se deixa conhecer e dominar pela experiência. Mas sendo ela linguagem, pode falar por si mesma como o faz o tu. Nessa circunstância, o “tu” não é um objeto, mas ele se comporta em relação a um objeto. Sem cair na falácia de que estaríamos aqui afirmando que o que chega da tradição, via linguagem, seria a opinião de outro, o autor, que é o tu. Gadamer (1997) afirma que

/.../ a compreensão da tradição não entende o texto transmitido como uma manifestação vital de um tu, mas como conteúdo de sentido, desvinculado de toda atadura para os quais opinam, para com o eu e o tu. Ao mesmo tempo, o comportamento com relação ao tu e ao sentido da experiência que nele tem lugar tem que poder servir a análise da experiência hermenêutica; pois também a tradição é um verdadeiro companheiro de comunicação, ao qual estamos vinculados como o está o eu e o tu. (p. 528)

Para o autor, a abertura à tradição que possui a consciência da história efetual é a mais elevada forma de experiência hermenêutica. Também ela tem um autêntico correlato na experiência do tu, que experimenta “o tu realmente como um tu, isto é, não passar por alto sua pretensão e deixar-se falar algo por ele” (Gadamer, 1997, p. 532).

Segundo o autor, essa experiência é um fenômeno moral. “A abertura para o outro implica, pois, o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra

mim, ainda que não haja nenhum outro que o vá fazer valer contra mim” (Gadamer, 1997, p. 532). Como escreve o filósofo:

././ o correlato na experiência hermenêutica é que há de se deixar valer a tradição em suas próprias pretensões, e não no sentido de um mero reconhecimento da alteridade do passado, mas na forma em que ela tenha algo a me dizer. Também isto requer uma forma fundamental de abertura. (Gadamer, 1997, pág. 533)

A consciência da história efetual, quando realizada como descrita, deixa que a tradição se converta em experiência e mantenha-se aberta à pretensão de verdade que nos vem ao encontro nela. Nota Gadamer (1997, p. 533) “A consciência hermenêutica tem sua consumação não na certeza metodológica sobre si mesma, mas na pronta disposição à experiência que caracteriza o homem experimentado face ao que está preso dogmaticamente. ”

Neste ponto da investigação gadameriana, o autor volta-se para a indagação sobre a *estrutura lógica da abertura*, destacando o significado da pergunta na análise da situação hermenêutica. Para o autor, em toda experiência encontra-se pressuposta a estrutura da pergunta. O experimentar não se faz sem a atividade do perguntar, pois a abertura que está no âmago da experiência é a abertura do “assim ou de outro modo”.

É essencial a toda pergunta que tenha sentido. Sentido quer dizer, todavia, sentido de orientação. O sentido da pergunta é simultaneamente a única direção que a resposta pode adotar se quiser ser adequada, com sentido. Com a pergunta, o interrogado é colocado sob uma determinada perspectiva. O fato de que surja uma pergunta rompe igualmente o ser do interrogado. O logos que desenvolve este ser rupturado é, nessa medida, sempre já resposta, e só tem sentido no sentido da pergunta. (Gadamer, 1997, p. 534)

Já, na primeira frase da citação acima, vemos a possibilidade de a pergunta não ter sentido. Isto nos remete à ideia de que Gadamer está se referindo a perguntas que de fato perguntam por algo, colocando o interrogado sob uma determinada perspectiva, deixando-o em aberto em sua questionabilidade. Isto quer dizer que ele tem que ser colocado em suspensão de tal maneira que prós e contras se equilibrem. Desta forma, a pergunta se realiza quando “uma

fluida indeterminação da direção a que aponta é colocada na determinação de um assim ou assim.” (Gadamer, 1997, p. 536).

A estrutura da pergunta pressupõe abertura, mas também uma limitação. Nela estão implícitos os pressupostos que permanecem abertos, a partir dos quais revela-se o questionável. Com isto posto, está-se admitindo que existam perguntas corretas e falsas. Para Gadamer, as falsas são as que não alcançam o aberto, mas o direcionam pela manutenção de falsos pressupostos. É nessa descrição da pergunta correta que faz sentido a afirmação “A consciência histórico-efeitual é um momento da realização da própria compreensão, e mais adiante veremos que ele já atua na obtenção da pergunta correta” (Gadamer, 1997, p. 451), uma vez que a consciência da história efetual busca pôr, em evidência, os modos como o perguntado foi sendo interpretado e julgado na determinação de um assim ou assim.

Neste modo de ver a experiência e a sua intrínseca relação com a pergunta, a pergunta toma a dianteira com relação à resposta. Pois, para perguntar, temos que querer saber o que não sabemos, “mas de tal maneira que é um não saber determinado o que conduz a uma pergunta determinada” (Gadamer, 1997, p. 539). O autor alerta para a dificuldade de se saber o que não se sabe e afirma ser a *opinião* um entrave do perguntar, assim fica em aberto a pergunta: Como então chegar ao não saber e ao perguntar?

O autor afiança que a negatividade da experiência implica na pergunta. O impulso constituído por aquilo que não se integra às opiniões pré-estabelecidas é o que nos movimenta para realizar experiências. Neste acontecer, a pergunta se impõe, não permitindo que dela nos afastemos e nem que permaneçamos agarrados à opinião costumeira.

Contra a firmeza das opiniões, o perguntar põe em suspenso o assunto com suas possibilidades. Aquele que possui a “arte” de perguntar sabe defender-se do modo de perguntar repressor que a opinião dominante mantém. Aquele que possui esta arte irá, ele próprio, buscar tudo o que possa ser a favor de uma opinião. A dialética consiste não na tentativa de buscar o ponto fraco do que foi dito, mas, antes em encontrar sua verdadeira força. Por consequência não entende com isso, aquela arte de falar e

argumentar que é capaz de tornar forte uma coisa fraca, mas a arte de pensar que é capaz de reforçar o que foi dito, a partir da própria coisa. (Gadamer, 1997, p. 541)

Por outro lado, para o autor, a dialética como a arte de conduzir uma conversação é a arte da formação de conceitos como elaboração de uma intenção comum. A conversação, frente ao endurecimento das proposições que urgem pela sua fixação escrita, fica caracterizada em perguntas e respostas, no dar e tomar, na aproximação com o outro na conversa e, no pôr-se de acordo, a língua realiza a comunicação de sentido.

Por isso, quando a hermenêutica é concebida como um entrar em diálogo com o texto, isso é algo mais do que uma metáfora, é uma verdadeira recordação do originário. O fato de que a interpretação que produz isso se realiza linguisticamente, não quer dizer que se veja deslocada a um *medium* estranho, mas ao contrário, que se restabelece uma comunicação de sentido originário, O que foi transmitido em forma literária á assim recuperado, a partir do alheamento em que se encontrava, ao presente vivo do diálogo cuja realização originária é sempre perguntar e responder (Gadamer, 1997, p. 542).

Para o autor, o fenômeno da compreensão tem em si o carácter da conversação e da estrutura da pergunta e da resposta. Pois, o texto transmitido torna-se objeto de interpretação, o que de início significa que este coloca uma pergunta ao intérprete. Nesse sentido, compreender um texto é compreender essa pergunta. Fato que ocorre quando se ganha o horizonte hermenêutico, reconhecido como horizonte do perguntar o grande horizonte histórico, pois

/.../ o transmitido mostra novos aspectos significativos em virtude da continuação do acontecer. Através de sua nova atuação na compreensão, os textos se integram num autêntico acontecer, tal como os eventos, em virtude de sua própria continuação. Isto é o que havíamos caracterizado, na experiência hermenêutica, como o momento de história efetual. Toda atualização na compreensão pode compreender-se como uma possibilidade histórica do compreendido (Gadamer, 1997, p. 549).

No princípio do encontrar-se com um texto estão a pergunta que o texto nos coloca e o ser atingido pela tradição, de tal modo que sua compreensão encerra sempre a tarefa da aut mediação histórica do presente com a tradição. A relação pergunta resposta inverte-se, pois, o transmitido do qual nos fala – o texto, a obra, o indício, ele próprio nos coloca uma pergunta e, com isso, situa nossas opiniões em aberto. Para que possamos responder a esta



pergunta, somos impelidos a perguntar, e “procuramos reconstruir a pergunta a que o transmitido poderia dar como resposta” (Gadamer, 1997, p. 550).

A dialética de pergunta e resposta descrita na estrutura da experiência hermenêutica permite que a relação da compreensão se exponha como uma relação recíproca de pergunta e resposta como uma conversação. Aí está o âmago da verdade da consciência da história efetual: a negação do fantasma de um esclarecimento total

*/.../ justo por isto está aberta para a experiência da história. Descrevemos sua maneira de realizar-se como fusão de horizontes do compreender que faz a intermediação entre texto e seu intérprete. O pensamento-guia das discussões que se seguem é o de que a fusão dos horizontes que se deu na compreensão é o genuíno desempenho da linguagem (Gadamer, 1997, p. 555).*

Comprendemos da nossa leitura de Gadamer (1997) que a tradição não nos impede de compreender a estrutura da pré-sença, mas, pelo contrário, enquanto linguagem, ela nos possibilita a compreensão da historicidade de sentido de alguma coisa que vai sendo desvelada em experiências hermenêuticas. Essas experiências se dão em momentos hermenêuticos vividos pelo intérprete que perpassam o perguntar, o ouvir, a tomada de consciência da história efetual em busca de preconceitos fundamentais sustentados pela continuidade da pertença e guiados pela possibilidade de fusão de horizontes como compreensão por meio da linguagem. Esse processo de compreensão tem a incumbência de dar respostas às perguntas colocadas pelo intérprete ou alcançar a pergunta que o texto responde. A hermenêutica assim realizada é, ela própria, experiência da coisa investigada e de sua historicidade.

### **Entrelaçamento dos conceitos da Hermenêutica Filosófica e a metodologia de pesquisa histórico-filosófica em educação matemática**

Através do estudo de Gadamer (1997) podemos afirmar que toda vez que na pesquisa houver a intenção de vislumbrar o objeto investigado em sua ocorrência enquanto um acontecer inserido em uma tradição, como fruto de compreensões postas pela historicidade humana,

poder-se-á lançar mão dos pensamentos gadameriano sustentados em sua hermenêutica filosófica.

Em particular, para a educação matemática, entendemos que o seu horizonte é bastante alargado ao abrir possibilidades de pôr, em evidência, a história efetual da construção de objetos do corpo de conhecimento matemático, da forma como esses objetos matemáticos vêm sendo propostos pela tradição da educação matemática, levando-se em conta a compreensão de matemática, das metodologias que englobam as dimensões do ensino e da aprendizagem nela inseridos e, para além disto, compreender suas finalidades educacionais contextualizadas.

Munidos das ideias gadamerianas, entendemos que, preservados os seus princípios geradores e direcionadores, cada trajetória de pesquisa iniciada por uma pergunta orientadora deva ir construindo o seu caminhar. Ou seja, não há receitas mágicas e métodos prescritos sequencialmente para seguir este modo de ver a tradição matemática e da educação matemática postos nos textos e obras humanas.

O que há é a certeza da possibilidade da experiência que a hermenêutica filosófica nos abre, posta na compreensão como dialética exercida na estrutura da pergunta e da resposta. Trata-se de um encontro possível adormecido nos textos que guardam a possibilidade de se fundirem em torno do sentido do que é transmitido pela tradição, e que, uma vez experimentado, de alguma forma impele o pesquisador a perguntar sobre ele.

A exemplo disto, temos a tese intitulada “Estruturas da álgebra – investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento” de autoria de Kluth (2005), que busca compreender como se dá o pensar na construção do conhecimento das estruturas da álgebra. A intenção da pesquisa, nas palavras da autora é que:

Numa linguagem metafórica, a tarefa a ser realizada pela pesquisa será um trabalho de mineiro que explora a mina matemática e que não tem a pretensão de explorar a mina toda, mas sim, encontrar um filão que expresse o movimento da construção/produção do conhecimento das estruturas da álgebra e que ao expressá-lo possibilite uma explicitação do pensar que nele se revela. (Kluth, 2005, p. 16)

A construção das estruturas da álgebra, não é um acontecer limitado a um único momento histórico, e nem pela produtividade de uma única e determinada escola conceitual da matemática cultivada por um único modo de pensá-la, ou até mesmo por um único matemático que delas se ocupou. Sua construção está inserida em uma tradição que, quando interpretada, também gerou, e ainda tem possibilidade de gerar, preconceitos fundamentais e falsos, próprios da interpretação humana.

Para se conhecer algumas particularidades do pensar que se inaugura e permanece como tradição, foi preciso interrogar a construção das estruturas da álgebra alargando os limites de sua compreensão no corpo do conhecimento matemático tal qual são apresentadas na atualidade, ou seja, de buscar a consciência da história efetual que alcançou tal compreensão. Ela, certamente, não se restringe a um período temporal limitado, nem tão pouco ao fazer matemático dos matemáticos, mas também poderá ser encontrada em obras que falem delas.

Desta forma, a expansão da compreensão das estruturas da álgebra deu-se ao se elaborar a *fusão de horizontes* por meio da experiência hermenêutica de textos compreendidos à luz da estrutura da pergunta e da resposta. Ora, na elaboração do texto-solo, ora na realização da sua análise.

A meta a ser cumprida pelo texto-solo é a de elaborar uma descrição que explicita o movimento da construção do conhecimento matemático em termos de possíveis atividades matemáticas que tecem um filão intencional e revelador das estruturas da álgebra ao analisar textos e obras de matemática, da história da matemática, da filosofia da educação matemática e da filosofia da matemática em busca de respostas à luz da pergunta: como se dá o movimento da construção/produção do conhecimento das estruturas da álgebra?

O procedimento da coleta de respostas, colhidas hermeneuticamente direcionada por essa pergunta, teve como fio condutor neste trabalho a visão fenomenológica de matemática inspirada nos trabalhos de Husserl (1997, 1936), que colocam a matemática como uma tradição

que carrega o sentido de mundo até o nível do conhecimento apodítico por meio da linguagem em conformidade com Gadamer, conforme exposto. Eis aí, um pano de fundo importante para a realização da hermenêutica filosófica que busca o nexos histórico da compreensão da coisa da qual os textos falam.

Uma vez realizado este primeiro momento, passa-se a realizar o segundo momento de análise buscando pela validade posta no texto-solo, ele próprio como portador da possibilidade de experiência hermenêutica no movimento de compreensão que busca agora não mais por respostas, mas por perguntas que o texto-solo responde sobre o pensar que aflora da construção do conhecimento das estruturas da álgebra. São três as perguntas que o texto-solo responde: Qual é o modo de ser das estruturas da álgebra? Como se dão as estruturas das presenças estrutura da álgebra-ser humano? Qual é o modo de ser matemático do ser humano na construção do conhecimento das estruturas da álgebra?

As respostas que o texto-solo dá às três perguntas que responde vão constituir as categorias abertas. Essas são compostas pela fusão de horizontes de resposta advindas do texto-solo, formando um fluxo de compreensões que, ao ser interpretado à luz da fenomenologia husserliana, faz emergir a historicidade das estruturas da álgebra cujo propulsor são os números complexos, e que o pensar revelado no movimento de construção das estruturas álgebras é constituído por atos intencionais que se dão no encontro do eu com o passível de ser pensado no fluxo de maturação das estruturas da álgebra.

A grande contribuição desta pesquisa para a educação matemática é que se desmistifica a visão de que a álgebra abstrata seja um mero jogo de símbolos, pois o pensar que ali se revela

*/.../ não se trata absolutamente de um jogo, de uma articulação lógica matemática de regras ou de uma articulação puramente interpretativa/associativa de uma linguagem desvinculada da compreensão que é presença das estruturas da álgebra em suas características fundamentais e presença de ser humano em seu potencial intuitivo/criativo. Trata-se de um olhar que o ser humano lança ao já conhecido, que é novo porque vislumbra novos horizontes, porém esses novos horizontes contemplam e têm suas raízes no conhecimento matemático instituído. (Kluth, 2005, p. 10)*

Um outro exemplo de pesquisa seguidora da hermenêutica filosófica, que tem como pergunta norteadora: *Como trabalhar didaticamente as demonstrações matemáticas na educação básica?* Intitulada "Demonstrações matemáticas e a Educação Básica: um estudo em Hermenêutica Filosófica", de Dias Filho (2020), também busca na historicidade das demonstrações matemáticas elementos e indícios que possam contribuir de forma direta para o trabalho didático do professor com as demonstrações, ao mesclá-los com os documentos oficiais que determinam os currículos escolares. Nesta pesquisa, até pelo teor de seu objeto, os dois movimentos: a da construção do texto solo, assim como a construção das categorias abertas foram orientados pela mesma pergunta, a pergunta norteadora da pesquisa. Diferentemente do exemplo dado anteriormente.

Nesta pesquisa, o texto-solo construído responde a três perguntas: P1- *Qual é o modo de ser da demonstração matemática?* P2- *É a demonstração matemática a única ferramenta que comunica a verdade matemática?* P3 - *Como se dão os enunciados matemáticos?* As respostas do texto-solo a essas perguntas constituem as categorias abertas que tratam de cinco aspectos do trabalho didático com demonstrações matemáticas: (a) *definição de demonstração matemática adotada a partir de suas finalidades;* (b) *justificativa para o uso da demonstração matemática, principalmente pelo motivo da limitação humana de compreensão e da limitação temporal;* (c) *modo de construção da demonstração socialmente aceito como válido na atualidade a partir da finalidade adotada;* (d) *o papel da argumentação e demonstrações ingênuas frente à demonstração formal e as competências matemáticas;* e (e) *a linguagem matemática, sua escrita e a linguagem sobre matemática.* A interpretação destes aspectos "nos conduzem a uma síntese de transição de diretrizes didáticas que devem balizar o planejamento didático e o trabalho didático propriamente dito sobre as demonstrações matemáticas na educação básica" (Dias Filho, 2020, p. 98). As sínteses apresentadas pela pesquisa não só orientam o planejamento do professor da escola básica como também colocam em pauta a

reflexão sobre o modo como as demonstrações são trabalhadas na formação de professores de matemática da educação básica.

### **Considerações finais**

O espaço de pesquisa inspirado na hermenêutica filosófica, de orientação gadameriana, restrito à educação matemática, neste artigo, se justifica, porque foi neste território que este modo de pesquisar que elabora um texto-solo e o analisa com a proposta de originar categorias abertas a serem posteriormente interpretadas se fez presente e possível, uma vez que a fusão de fundamentos da hermenêutica filosófica com os fundamentos fenomenológicos que anunciam a matemática como uma ciência que é tradição, colocam a matemática e seu ensino como um conteúdo de situação hermenêutica. Porém não queremos dar a impressão para o leitor que a hermenêutica filosófica assim praticada seja um modo de pesquisar somente aplicável ao âmbito da Educação Matemática. Entendemos que futuras fusões possam vir a acontecer e outras regiões de inquérito possam vir a utilizá-la, assim como outros modos poderão surgir, ou até mesmo o modo aqui apresentado possa se modificar, mantendo o nuclear da hermenêutica filosófica em sua tradição.

É importante salientar que a fusão de horizontes que tem a consciência da história efetual em seu âmago, alcançada na dialética da estrutura da pergunta e resposta como procedimento de pesquisa, exerce um papel importantíssimo na compreensão do investigado, ao possibilitar o alcance de preconceitos fundamentais que atuaram e continuarão atuando em sua historicidade.

Desta forma, uma vez encontrados estes pré-conceitos fundamentais sustentadores da construção das idealidades matemáticas com seus alcances educacionais, eles poderão ser tomados como pertencas de situações hermenêuticas que se nos apresentam na imediaticidade do encontro do homem com a matemática, assim como na mediaticidade da tradição como linguagem. Esta última é de grande valia para a educação matemática, pois os trabalhos

didático-pedagógico-matemáticos quase sempre são mediados por textos que devem ser lidos e compreendidos em sua validade não só por professores, mas por alunos e coordenadores pedagógicos.

A hermenêutica filosófica gadameriana mostra-se, conforme explicitado neste artigo, como propulsora de uma modalidade de pesquisa histórico-filosófica em Educação Matemática, cuja abrangência nos parece ser de grande valia para a pesquisa em diferentes temáticas desta região de inquérito, conforme pesquisas exemplificadas.

### Referências

- ALVES, M. A. (2011) Interpretação e compreensão: da hermenêutica metodológica à experiência hermenêutica como crítica e fundamento do saber filosófico. In: Princípios: revista de filosofia, v.18, n. 30, jul./dez. 2011. p.181-198.
- BICUDO, M. A. V. (2014) Ciberespaço – possibilidades que abre ao mundo da educação. Livraria da Física.
- CRUZ, R. J. B.. (2010) Hermenêutica e educação: o sentido gadameriano de diálogo - ressignificando as relações pedagógicas. In: Revista Espaço Acadêmico, n. 112-setembro, p. 43-50.
- DIAS FILHO, C. A. T. (2020) Demonstrações matemáticas e a Educação Básica: um estudo em Hermenêutica Filosófica. Dissertação de Mestrado - Profmat, Unifesp.
- GADAMER, Hans-Georg. (1997) Verdade e Método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes.
- GRANGER, G. G. (2002) O irracional. Tradução Álvaro Lorencini. UNESP,
- HUSSERL, E. (1997) Die Urstiftung und das Problem der Dauer, Der Ursprung der Geometrie. In: Steiner, C. Husserl. Diederichs.
- \_\_\_\_\_. Schichten des Weltbewusstsein (13. Juli 1936) Ergänzungsbandtexte aus dem nachlass. In: die Krisis der Europäischen Wissenschaften und die Transzendental Phänomenologie. Band XXIX Husserliana, Kluwer Academic publishers.
- KLUTH, V. S. (2005) Estruturas da Álgebra – Investigação fenomenológica sobre a construção dos eu conhecimento. Tese de doutorado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.
- KLUTH, V. S. (2020) Metodologia de Pesquisa Fenomenológica em Educação Matemática: A Rede de Significação. In: Educ. Matem. Pesq., São Paulo, v.22, n.3, pp. 84-104. DOI: <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2020v22i3p084-104>
- PEREIRA, M. B. (2001) O século da hermenêutica filosófica: 1900-2000. In: Revista Filosófica de Coimbra - n.º 19, pp- 3-68
- SANTOS, R. B. dos. (2017) A hermenêutica filosófica é filosofia prática? In: Problemata: R. Intern. Fil. v. 8. n. 3, p. 78-102. doi: <http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v8i3.33782>

SILVA, M. L. P. F. (2010) Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica. Universidade de Coimbra.

SILVA, M. L. P. F. (2015) Hermenêutica filosófica – metodologia e apresentação de um percurso temático edição. Imprensa da Universidade de Coimbra.

STEIN, E. (2014) Gadamer e a consumação da hermenêutica. *In: Problemata: R. Intern. Fil.* v 5 n 1, pp. 204-226 . DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v5i1.20392>